

**A ORALIDADE NO TEXTO ESCRITO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE  
O DISCURSO ORAL EM POEMAS DE MANUEL BANDEIRA**

Gil NEGREIROS<sup>16</sup>

**Resumo:** O tema deste artigo se refere ao discurso oral presente em alguns textos poéticos de Manuel Bandeira. Nosso objetivo é investigar as marcas textuais orais que garantem o discurso poético de Bandeira, bem como estudar a finalidade desses recursos e os sentidos construídos por meio deles. Nas análises realizadas, baseamo-nos em pressupostos teóricos da Análise do Discurso, a partir dos quais é possível perceber que os recursos orais nos poemas de Bandeira aqui analisados criam efeitos discursivos de proximidade, de descontração, de falta de acabamento e de reciprocidade, que são também efeitos de sentido próprios da oralidade.

**Palavras-chave:** Oralidade e Escrita. Discurso. Discurso Oral. Análise do Discurso. Poemas. Manuel Bandeira.

**Abstract:** *The topic of this paper refers to the oral speech present in some poetry by Manuel Bandeira. Our objective is to investigate the oral textual marks that ensure Bandeira's poetic speech as well as to review the purpose of these resources and the meaning constructed by them. In the analysis carried out, we have based ourselves on theoretical assumptions of Discourse Analysis, and from them, we could realize that the oral resources analyzed create discursive effects of proximity, relaxation, lack of completion and reciprocity, which are also effects of orality.*

**Keywords:** *Orality and Writing. Discourse. Oral Discourse. Discourse Analysis. Poems. Manuel Bandeira.*

---

<sup>16</sup> Docente do Curso de Letras da FEPI – Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá (Minas Gerais, Brasil) e do Mestrado em Letras da UNINCOR – Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações (Minas Gerais, Brasil). Doutor em Língua Portuguesa (PUC-SP) e Pós-doutorando em Letras (USP). E-mail: gilrobertonegreiros@yahoo.com.br

## **Considerações iniciais**

Examinamos, neste trabalho, procedimentos linguístico-discursivos que produzem efeitos de sentido de oralidade no texto escrito. Mais precisamente, buscamos analisar a finalidade desses recursos e os sentidos construídos por meio deles.

Apoiamo-nos, na definição de nossa base teórica, em Fairclough (2001), Ducrot (1997), Maingueneau (2000), Barros (2006) e Brait (2003).

Nossos *corpora* de análise são compostos por três textos de Manuel Bandeira, intitulados “Pneumotórax”, “Cunhatã” e “Embolada do Brigadeiro”. Os dois primeiros publicados em *Libertinagem*, e o último em *Mafuá do Malungo*, livros de poemas da segunda e terceira fases da obra bandeiriana, respectivamente.

Nossa hipótese inicial é que, em alguns textos poéticos de Bandeira, há o emprego de certos recursos comuns à realidade oral, que podem garantir a expressividade dos poemas em questão. Assim, a oralidade se dá, em alguns casos, como elemento fundamental na construção do discurso poético.

É importante salientar que não consideramos os poemas aqui selecionados como textos orais. Ao contrário, são textos escritos que trazem, em sua construção, recursos linguístico-discursivos próprios da oralidade.

## **Algumas considerações sobre “discurso” e “discurso oral”**

Antes de analisarmos os poemas selecionados em nossos *corpora*, torna-se necessário apresentar a concepção de “discurso” que adotamos e, conseqüentemente, nossa definição de “discurso oral”. Assim, não iremos aqui apresentar outras acepções do termo “discurso”, mas só aquela que nos serviu como suporte de análise.

A concepção por nós seguida é a mesma de Fairclough (2001), que define discurso como o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou apenas reflexo de variáveis situacionais. Tal concepção, segundo o autor, implica algumas observações:

Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Trata-se de uma visão do uso da linguagem que se tornou familiar, embora frequentemente em termos individualistas, pela Filosofia Linguística e pela Pragmática Linguística [...]. Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. (FAIRCLOUGH, 2001, p.90-91)

Essa definição é adotada especialmente por considerar o “discurso” um modo de ação sobre o mundo e sobre os outros. Por seu turno, tal concepção vem ao encontro daquilo que se pretende destacar em nossa análise do discurso oral, que é, por si só, uma ação sobre o outro.

Depois de se definir o conceito de “discurso” que é seguido neste trabalho, cabe definir, aqui, *discurso oral*, entendido como modo de ação linguístico, que ocorre por meio da oralidade, na presença espaço-temporal ou apenas temporal (no caso das conversas de telefone, por exemplo), constante de um interlocutor, que será considerado como coenunciador do discurso, em uma atividade interativa. A coenunciação ocorre justamente pelo fato de serem os dois parceiros (falante e ouvinte, para ser mais preciso) sujeitos ativos na ação de agir sobre o outro e sobre o mundo.

O discurso oral é produzido na/pela relação interativa entre os interlocutores. E o comportamento desses interlocutores frente ao discurso é determinado pela autoridade dos enunciadores, pelo *status* que lhes é reconhecido e pela legitimidade que a eles é atribuída.

Maingueneau é muito claro quando se refere a essa característica, comum na prática discursiva, mais especificamente no discurso oral, ambiente original do comportamento interativo:

As correntes pragmáticas insistem no fato de que o comportamento dos sujeitos com relação a um discurso é função da *autoridade* de seu enunciador, da legitimidade atribuída ao status que lhe é reconhecido. O que chamamos de “raciocínio de autoridade”, [sic] é precisamente um raciocínio em que a validade de uma proposição decorre da autoridade de seu enunciador (2000, p. 17-18).

Ducrot, a respeito da definição de autoridade, refere-se ao *status* dos interlocutores:

Parte-se do fato “X disse que P” e, com base na idéia de que X (“que não é nenhum tolo”) tem boas probabilidades de não ter-se enganado ao dizer o que disse, conclui-se da verdade ou verossimilhança de P. A fala de X, fato entre outros fatos, é assim tomada como índice da verdade de P. (1997: 157)

Dessa forma, o *status* dos interlocutores está ligado à produção de efeitos de sentido produzidos no texto oral.

### **Os efeitos de sentido orais**

Com relação a efeitos de sentido produzidos na oralidade, Barros (2006), em trabalho intitulado “Efeitos de oralidade no texto escrito”, salienta que são várias as estratégias usadas para construir, no texto escrito, efeitos de oralidade. A autora organiza essas estratégias em três grupos, a saber: estratégias baseadas nas pessoas, estratégias baseadas no tempo e estratégias baseadas no espaço do discurso. (cf. 2006, p.63)

A partir desses três grupos, a pesquisadora define alguns efeitos de oralidade, que apresentamos de forma resumida:

- a) Proximidade espacial, temporal e dos sujeitos.
- b) Descontração, informalidade.
- c) Falta de acabamento, de completude.
- d) Transitoriedade.
- e) Simetria e reciprocidade. (cf. BARROS, 2006, p. 63)

Tais efeitos de sentido, comuns em um texto oral “ideal”<sup>17</sup>, podem ocorrer em textos escritos. Sobre isso Barros, ao analisar propagandas de bancos, conclui:

---

<sup>17</sup> Aqui, consideramos como texto oral “ideal” alguns tipos de textos que possuem características puramente orais, como a conversação espontânea.

Trata-se de um procedimento muito usado nos anúncios de banco, mas também, com certeza, nos demais tipos de texto, pois as questões de linguagem, de normatividade no uso da língua e das diferenças entre suas modalidades faladas e escritas têm papel fundamental na construção das relações na sociedade, das interações sociais e das identidades dos seus usuários. (2006, p.84)

Passemos, agora, à análise desses efeitos de sentido, naturais da oralidade, presentes em textos poéticos escritos.

### **A oralidade no discurso poético bandeiriano: alguns exemplos<sup>18</sup>**

No que tange aos *corpora* investigados, podemos falar, em alguns casos, de uma “ilusão do discurso oral”, adaptação de frase cunhada por Preti (2004), que tenta descrever os efeitos de certas situações sociointeracionais simuladas em textos literários.

Em “Pneumotórax”, conhecido poema de Bandeira, a ilusão da oralidade ocorre por meio da sugestão do discurso oral, produzido a dois. Há, assim, no poema em destaque, marcas do diálogo oral, que traz na sua essência a existência de dois interlocutores, presentes em um mesmo espaço físico e temporal:

#### **PNEUMOTÓRAX**

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.  
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.  
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

— Diga trinta e três.  
— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...  
— Respire.

.....

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

(*Libertinagem*) (p. 128)<sup>19</sup>

Destacam-se no poema, além da simulação do diálogo, as marcas de autoridade do discurso, que representam os papéis sociais dos interlocutores. Trata-se de uma consulta médica, em que o discurso médico é marcado pela legitimidade. O uso dos verbos “diga” e “respire” no imperativo afirmativo, bem como a frieza em responder do que o paciente realmente sofre são indícios dessa autoridade. Além disso, a fala do doente também é marcada pela obediência ao médico e pela confiança daquele com relação à consulta com este. Percebe-se, assim, a fala dominante do médico frente à fala dominada do paciente, o que é comum nos discursos produzidos nessas situações interativas de exames médicos.

Além disso, há que se destacar a proximidade espacial e temporal entre o sujeito-médico e o sujeito-paciente, a qual, além do “sentido de autoridade” já exposto, é também índice inequívoco da produção do discurso oral.

Desta forma, uma situação puramente oral como uma consulta médica, marcada, sobretudo, por uma interação social padrão em que as identidades sociais dos falantes são muito bem definidas (o que faz que os índices de poder sejam demarcados e que a interação seja assimétrica), é representada em um texto escrito, mais especificamente em um texto poético. A oralidade presente na situação representada constitui a essência do texto poético. A oralidade torna-se, neste caso, a base da expressividade poética, justamente por representar a situação cotidiana.

---

<sup>18</sup> As análises aqui realizadas também constam em Negreiros (2009), com algumas modificações.

<sup>19</sup> Todos os poemas foram retirados de Bandeira (1998), coletânea de todos os poemas do autor.

## CUNHATÃ

Vinha do Pará

Chamava Siquê.

Quatro anos. Escurinha. O riso gutural da raça.

Piá branca nenhuma corria mais do que ela.

Tinha uma cicatriz no meio da testa:

— Que foi isso, Siquê?

Com voz de detrás da garganta, a boquinha tuíra:

— Minha mãe (a madrasta) estava costurando

Disse vai ver se tem fogo

Eu soprei eu soprei eu soprei não vi fogo

Aí ela se levantou e esfregou com minha cabeça na brasa

(*Libertinagem*) (p. 139)

Em “Cunhatã”, o diálogo entre o enunciador e a menina *Siquê* também representa o diálogo oral, principalmente na elaboração da explicação fornecida pela menina.

Aqui, diferentemente do discurso oral presente em “Pneumotórax”, em que o ambiente situacional é um importante índice para a percepção do efeito de autoridade, a pergunta é feita apenas para que Siquê relate o motivo da cicatriz. Nota-se que o ambiente, apesar de não ser descrito, pode ser caracterizado como informal, dada a espontaneidade da conversa. A falta de completude em certas passagens do diálogo, como em

— Minha mãe (a madrasta) estava costurando

Disse vai ver se tem fogo

Eu soprei eu soprei eu soprei não vi fogo

Aí ela se levantou e esfregou com minha cabeça na brasa

também produz efeitos de sentido da oralidade, com valorações positivas de novidade, de vivacidade e de atualidade discursivas.

A repetição presente no penúltimo verso (*eu soprei, eu soprei, eu soprei*), a falta de pontuação na representação da fala da menina e o uso de recursos comuns na fala (como a expressão *ai*) são índices que também garantem a “ilusão” de oralidade no texto escrito, auxiliando a produção dos efeitos de sentido orais.

### **EMBOLADA DO BRIGADEIRO**

- Não voto no militar; voto no homem escandaloso.
- Ué, compadre, quem é o homem escandaloso?
- O Brigadeiro.
- Escandaloso?
- Escandaloso.
- Escandaloso por quê?
- Ora, ouça lá meu ocorrido: [...] (*Mafuá do Malungo*) (p. 302-3)

Conforme salienta Brait (2003, p.222), no caso de um texto conversacional, construído a duas vozes, deve-se levar em conta que há um processo de interação ativo, base para a formulação do discurso oral. Esse processo deve ser examinado tendo em vista vários fatores, entre eles as estratégias empregadas para se fazer compreender, compreender o outro e encaminhar a conversa de forma adequada.

Também é necessário, segundo a autora, definir o quadro participativo, ou seja, o número de participantes envolvidos e o papel que cada um desempenha nessa situação particular de produção do discurso.

Em “Embolada do Brigadeiro”, o quadro participativo é marcado pela presença de dois compadres, denunciada pelo segundo interlocutor, que diz:

- Ué, compadre, quem é o homem escandaloso?

Assim, deve-se levar em conta que, supostamente, o ambiente não é formal, pela definição do tratamento entre ambos.

Por seu turno, a estratégia argumentativa empregada pelo primeiro locutor é comum no discurso oral, tendo em vista os conhecimentos implícitos no discurso, não percebidos a princípio pelo segundo locutor. Essa estratégia consiste em não dizer o



nome exato dos candidatos, mas sim em atribuir a um dos candidatos características que, de antemão, já justificam a não rejeição do eleitor:

— Não voto no militar; voto no homem escandaloso.

O efeito de sentido oral da falta de acabamento e de completude reaparece em nosso *corpus*. Além disso, há que se destacar o efeito simétrico e transitório presente na construção do diálogo poético. O discurso oral, assim, é imitado no poema, em situações parecidas e com as mesmas estratégias da interação oral.

No caso do trecho em análise, é importante salientar que a representação da interação dos dois compadres funciona justamente como um “gatilho” na produção dos sentidos.

### **Considerações finais**

Há que se destacar, primeiramente, que os poemas usados neste trabalho nunca foram examinados como exemplos de textos orais. A influência da oralidade no texto escrito foi sempre o centro norteador da análise aqui realizada.

Examinamos os procedimentos linguístico-discursivos, comuns em ações orais, que produzem efeitos de sentido próprios no texto escrito (no caso em questão, em textos escritos poéticos). Alguns efeitos foram, neste trabalho, destacados, como o uso de expressões próprias da fala e a criação constante de diálogos em primeira pessoa, por meio dos quais as vozes dos sujeitos criados poeticamente ganham materialidade.

Em nossos exames, foi possível perceber que os recursos orais nos poemas de Bandeira aqui analisados criam efeitos discursivos de proximidade, de descontração, de falta de acabamento e de reciprocidade.

Consideramos, neste trabalho, os usos como fundadores da língua, e não o contrário. Tal proposição vem ao encontro da presença da oralidade na obra de Manuel Bandeira, já que é a partir dos usos linguísticos percebidos no cotidiano que o poeta constrói parte de seus poemas.

Diante de tais análises, algumas questões relativas ao trabalho com a linguagem nos parecem importantes, como a possibilidade de abordar esses fatores nas aulas de disciplinas como Língua Portuguesa, Literatura ou Linguística. Obviamente, essa não é

a única nem a melhor maneira de se trabalhar com textos poéticos. Outras formas existem. Porém, tal abordagem pode tornar-se uma alternativa eficaz e inteligente para tratar, por exemplo, da questão dos sentidos do texto e da questão da relação entre língua oral e língua escrita.

Além disso, será possível ao professor e a seus alunos:

- discutir os objetivos do autor em usar tais recursos linguístico-discursivos;
- abordar as questões que marcaram o momento histórico da produção dos textos;
- repensar aspectos relativos à concepção de arte;
- questionar posições dicotômicas que separam língua oral e língua escrita;
- ligar os usos presentes no poema com outros textos produzidos no cotidiano, comparando-os e diferenciando-os;
- refletir sobre o belo presente na obra literária.

Como já dissemos, outros aspectos poderão ser encontrados pelo docente no trato de questões relativas a textos como os aqui analisados. A discussão não se esgota com facilidade. No mais, o fundamental é propor aos alunos um trabalho com a língua em uso, a língua como ação, a língua que dá ao homem a condição de sujeito de seu mundo.

## Referências

- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da Vida Inteira**. São Paulo: Círculo do Livro, 1998.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Efeitos de oralidade no texto escrito. In: PRETI, Dino (org.). **Oralidade em diferentes discursos**. São Paulo: Humanitas Publicações. p.57-84, 2006.
- BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 6. ed. São Paulo: Humanitas Publicações. p.215-244, 2003.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1997.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

NEGREIROS, Gil Roberto Costa. **Marcas de oralidade na poesia de Manuel Bandeira**. São Paulo: Paulistana, 2009.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.